

DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/2rq14665>

**TRANSIÇÃO ESCOLAR: como o coordenador pedagógico pode atuar no processo de transição entre os Anos Iniciais e os Anos Finais do Ensino Fundamental?**

**SCHOOL TRANSITION: how can the pedagogical coordinator act in the transition process between the Early Years and the Final Years of Elementary Education?**

Débora Postai<sup>1</sup>  
Barbara Vier Mengue<sup>2</sup>

**Resumo:** Essa pesquisa tem como objetivo discutir a atuação do coordenador pedagógico na transição escolar, especificamente entre as etapas do Ensino Fundamental da Educação Básica. O artigo buscou esclarecer os conceitos de transição escolar, bem como o de coordenação pedagógica e as atribuições deste profissional. Sendo o coordenador pedagógico um agente de formação na escola, foi discutida sua atuação na formação continuada dos professores e a habilidade necessária do diálogo na gestão. Concluiu-se a necessidade da ação do coordenador pedagógico em relação à organização e planejamento de ações para realizar a transição escolar dos jovens com acolhimento. Foram apresentadas sugestões resultantes dos grupos de estudo realizados na pesquisa.

**Palavras-chave:** Gestão escolar. Transição escolar. Ensino Fundamental.

**Abstract:** This research aims to discuss the role of the pedagogical coordinator in school transition, specifically between the stages of Elementary Education in Basic Education. The article sought to clarify the concepts of school transition, as well as pedagogical coordination and the duties of this professional. As the pedagogical coordinator is a formative agent in the school, their role in the continuous training of teachers and the necessary skill of dialogue in management was discussed. It concluded the need for the pedagogical coordinator's action regarding the organization and planning of actions to carry out the school transition of young students with care. Suggestions resulting from study groups conducted in the research were presented.

**Keywords:** School management. School transition. Elementary Education.

---

<sup>1</sup> Pedagoga e Especialista em Educação Infantil pela UNISINOS (São Leopoldo/RS)- E-mail: [debypostairech@hotmail.com](mailto:debypostairech@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Linguística Aplicada pela UNISINOS (São Leopoldo/RS). Especialista em Gestão Escolar pela SETREM (Três de Maio/RS) e Especialista em Coordenação e Orientação Escolar pelo ISEI (Ivoti/RS). Professora na Faculdade Instituto Ivoti.. E-mail: [barbara.mengue@institutoivoti.com.br](mailto:barbara.mengue@institutoivoti.com.br)

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa é discutir a atuação do coordenador pedagógico no processo de transição escolar, especificamente sobre a transição entre o 5º e o 6º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, o objetivo é explicitar o conceito de gestão escolar, bem como suas atribuições. Acredito ser importante realizar uma pesquisa que faça sentido e ajude, de alguma forma, a educação e as escolas nas quais atuamos. Portanto, decidi realizar uma pesquisa-ação, que consiste em pesquisar, questionar, realizar discussões e provocações no espaço escolar. Optei por realizar a pesquisa na escola em que atuo, visando proporcionar discussões que resultem em mudanças no processo de transição na própria escola. A pesquisa foi organizada em grupos de estudo, proporcionando discussões sobre o tema e possíveis sugestões, as quais irei apresentar e explicitar ao longo do texto.

## 2 TRANSIÇÃO ESCOLAR

A transição pode ser considerada como uma travessia, a passagem de um lugar, de um estado de coisas ou de uma condição. Portanto, a transição escolar é a passagem das crianças e jovens de um nível de ensino para outro. Por exemplo, passam do 5º ano, etapa dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para o 6º ano, etapa dos Anos Finais do Ensino Fundamental. As transições “são frequentes na trajetória estudantil e ocorrem no ingresso do indivíduo, pela primeira vez, em uma instituição educacional, como também na passagem, ao longo do percurso de formação dos alunos, de um ano letivo escolar para o seguinte” (Azevedo, 2017, p. 20-21).

Porém, não é simplesmente passar para o ano seguinte. Quando menciono a transição escolar, estou pensando especificamente na transição entre as etapas da

educação básica, algo mais complexo, pois envolve diversas mudanças, entre elas a mudança de professores e de currículo. A transição escolar ocorre entre as etapas da Educação Básica, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Cada etapa que a criança ou o adolescente conclui tem continuidade na etapa seguinte. As crianças pequenas, ao finalizarem a Educação Infantil, passam pela transição para o Ensino Fundamental. No Ensino Fundamental, ocorre a transição entre os Anos Iniciais e Anos Finais e, em seguida, os alunos do Ensino Fundamental dos Anos Finais ingressam no Ensino Médio. Essas são as três grandes mudanças das crianças e jovens na vida escolar, como descreve a Base Nacional Comum Curricular.

O Ensino Fundamental, com nove anos de duração, é a etapa mais longa da Educação Básica, atendendo estudantes entre 6 e 14 anos. Há, portanto, crianças e adolescentes que, ao longo desse período, passam por uma série de mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros. Como já indicado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos (Resolução CNE/CEB nº 7/2010), essas mudanças impõem desafios à elaboração de currículos para essa etapa de escolarização, de modo a superar as rupturas que ocorrem na passagem não somente entre as etapas da Educação Básica, mas também entre as duas fases do Ensino Fundamental: Anos Iniciais e Anos Finais (Brasil, 2018, p. 57).

As crianças e jovens vivenciam a educação básica por muitos anos, passando por diversas mudanças ao longo dela. As diversas mudanças presentes no decorrer da educação desafiam a equipe pedagógica e as políticas públicas educacionais no que diz respeito à elaboração de currículos, formação dos professores e efetivação da aprendizagem. A passagem entre as etapas da educação básica

também é desafiadora, pois pretende-se que elas ocorram sem rupturas e prejuízos nas aprendizagens. A BNCC expõe nos textos orientadores sobre a organização da Educação Básica, bem como sobre o objetivo explícito de que ela aconteça de forma integral. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento normativo da Educação Básica que consiste em definir

[...] o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2018, p. 7).

Desta maneira, podemos compreender que a orientação para todas as escolas e instituições educacionais do país é de que a educação ocorra de forma contínua e integral. É importante afirmar que a BNCC, expondo sua preocupação em desenvolver uma educação integral do ser humano, reconhece e orienta que

[...] a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu *acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno*, nas suas singularidades e diversidades [grifos da autora] (Brasil, 2018, p. 14).

Pensar a educação de maneira integral, para além da integração das habilidades e competências estabelecidas para cada nível, é pensar no processo contínuo de estar na escola, de perpassar por todos

os níveis da educação básica sem cortes, sem mudanças bruscas e, principalmente, sem prejuízos no processo de aprendizagem. De acordo com a BNCC, as próprias mudanças características dessa fase da vida do adolescente implicam compreendê-lo “como sujeito em desenvolvimento, com singularidades e formações identitárias e culturais próprias, que demandam práticas escolares diferenciadas, capazes de contemplar suas necessidades e diferentes modos de inserção social” (Brasil, 2018, p. 60). Portanto, observar esse período de transições na vida dos adolescentes, auxiliando-os em mais um novo desafio que surge, é papel importante da escola e deve ser discutido.

Além dos aspectos relacionados à aprendizagem e desenvolvimento, as escolas devem planejar em suas propostas pedagógicas algumas medidas que promovam “assegurar aos alunos um **percurso contínuo de aprendizagens entre as duas fases do Ensino Fundamental**, de modo a promover uma maior integração entre elas” (Brasil, 2010, p. 59). De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), a transição escolar, especificamente a que ocorre entre as duas etapas do Ensino Fundamental, é caracterizada por mudanças pedagógicas, principalmente no que diz respeito à diferenciação dos componentes curriculares. Portanto, é necessário auxiliar os estudantes nessa fase, pois “adaptações e articulações, tanto no 5º quanto no 6º ano, para apoiar os alunos nesse processo de transição, pode **evitar ruptura no processo de aprendizagem**, garantindo-lhes maiores condições de sucesso” (Brasil, 2018, p. 59).

A BNCC dá orientações de como a educação básica deve ser estruturada com o objetivo de ser contínua e integral, porém a efetivação dessa orientação, bem como a organização de projetos e formações, é de responsabilidade da escola. A escola deve ter bem claro, a partir do seu Projeto Político Pedagógico, qual o

entendimento em relação às transições escolares e de que maneira efetivamente podem contribuir para que ela ocorra. A partir dos seus estudos sobre a transição escolar, Azevedo (2017, p. 25) afirma que é importante preparar o aluno do 5º ano para essa transição, ao mesmo tempo que a escola e os professores devem preparar-se para recebê-los no 6º ano”. A escola tem papel fundamental no acompanhamento dos alunos nesse processo, bem como de orientar e acompanhar as famílias, explicitando a importância desse processo e que a parceria entre a escola e as famílias é essencial para o acolhimento e adaptação das crianças e adolescentes.

O tema sobre a transição escolar entre as etapas do Ensino Fundamental da Educação Básica necessita receber mais atenção das políticas públicas e das escolas. Para isso, Azevedo (2017, p. 26) sugere que

mais pesquisas devem ser realizadas no sentido de um aprofundamento do conhecimento das necessidades e dos problemas enfrentados pelos alunos nessa travessia escolar como também na direção do entendimento de como esses discentes lidam com esse momento. Assim, a ampliação do conhecimento sobre o período de transição para o 6º ano, poderá auxiliar as escolas na concepção e realização de intervenções que gerem resultados positivos tais como, o aumento da assiduidade, melhora do desempenho e da retenção escolar.

Sendo assim, penso que, quanto mais falarmos sobre o tema em questão, trazendo a possibilidade de discussões nas escolas e propondo um planejamento mais efetivo de ações que valorizem esse momento, teremos, ao longo dos anos, uma mudança significativa.

### 3 O CAMINHO PERCORRIDO

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede estadual na cidade de São Leopoldo, com professores dos 5ºs e 6ºs anos, gestores escolares e alunos dos 5ºs anos. A escola está localizada em um bairro periférico da cidade e atende alunos do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio nos três turnos. Optei por realizar uma pesquisa-ação, que consiste em investigar e intervir no espaço pesquisado, buscando resultados e soluções para problemas identificados. Segundo Krafta (2007, p. 43), “a pesquisa-ação é um método de condução de pesquisa aplicada, orientada para elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções”. Esse estilo de pesquisa visa observar e identificar o problema no campo escolhido, podendo intervir a partir da pesquisa e apresentar resultados. É uma pesquisa na qual o pesquisador se insere no campo, observa, gera os dados e propõe soluções para os problemas identificados inicialmente.

A proposta inicial da pesquisa era compor um grupo de estudos com professores e coordenadores para ouvi-los sobre as questões em relação à transição escolar, bem como apresentar aportes teóricos que pudessem contribuir na discussão do assunto. Inicialmente, foram realizados encontros em grupos diferentes de professores e gestores, tendo como estratégia uma caixa de perguntas sobre o assunto. Posteriormente, surgiu a necessidade de compor um grupo com os alunos do 5º ano. Os encontros foram organizados da seguinte forma, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Encontros

Encontro	Grupo	Ação
1º encontro	Coordenadora dos Anos Iniciais, Coordenador dos Anos Finais e Ensino Médio e a Orientadora Educacional.	Em ambos os grupos, o encontro foi destinado e organizado para propor uma conversa sobre o entendimento que os coordenadores e professores têm em relação à transição escolar, bem como quais as possibilidades e necessidades de ação para que a mesma ocorra em nossa escola.
2º encontro	Três professoras do 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental.	
3º encontro	Duas professoras dos 5º anos dos Anos Iniciais.	
4º encontro	Duas turmas dos 5º anos.	Encontro realizado em cada turma, totalizando 39 alunos, com duração de uma hora, para conversar com os alunos sobre o que entendiam sobre transição, bem como instigá-los a pensar sobre suas expectativas e medos em relação ao processo de transição. Foi realizado registro destes sentimentos e um breve recado para os professores do 6º ano.
5º encontro	Professores, coordenadores e orientadora educacional.	Encontro com coordenadores e professores envolvidos na pesquisa para discussão mais ampla do assunto, a partir de falas dos encontros anteriores, excertos de textos e fala dos alunos.
6º encontro	Professores, coordenadores e orientadora educacional.	Os participantes da pesquisa foram organizados em grupos para registrar no aplicativo Padlet suas ideias e sugestões sobre o processo de transição escolar na escola e apresentar ao restante do grupo.

Fonte: Elaborado pela autora.

A não participação de alguns professores e gestores durante alguns encontros inicialmente trouxe desânimo em relação à pesquisa, porém a não participação, a falta de envolvimento e responsabilidade com questões importantes da escola também dizem algo. Buscar conhecer e discutir sobre questões pertinentes ao seu trabalho, ao nível da educação que atua e sobre os adolescentes com os quais compartilha os saberes é essencial na rotina de formação do professor. Compreendemos a demanda pedagógica, a carga horária e o trabalho em mais escolas, porém a educação com qualidade se faz em parceria com os colegas, com a coordenação e equipe diretiva da escola, pensando sempre em aprimorar o

processo de ensino e de aprendizagem.

Nos três primeiros encontros, conforme a apresentação na tabela, o assunto central das perguntas realizadas foi em relação à transição escolar realizada entre os 5º e 6º anos da escola e quais ações seriam necessárias para que ela acontecesse efetivamente em nossa escola. As perguntas possibilitaram conhecer o histórico da escola em relação ao processo de transição, como acontecia esse movimento, de que forma poderíamos aprimorar e qual era o entendimento do grupo de professores e gestores sobre o conceito de transição.

É possível perceber que a pesquisa vem mobilizar o grupo de coordenadores e professores na escola a partir do

momento que proporciona a reflexão sobre o assunto, o que havia sido feito e o que será necessário mudar. A transição entre as etapas ocorre na escola como parte do sistema educacional, porém não existe uma reflexão sobre esse processo.

Após realizar os encontros com os professores e gestores, surgiu a necessidade de realizar uma conversa também com os alunos dos 5º anos sobre esse processo de transição. Foi realizado um encontro com cada turma do 5º ano, com todos os alunos nas suas salas de aula. Neste momento, a conversa foi realizada apenas entre eu e os alunos da turma. A proposta da conversa foi ouvi-los sobre o que já sabiam ou imaginavam ser a “transição escolar”. Muitos trouxeram referências de passagem, passando para outro lugar. Expliquei para os alunos sobre a organização da Educação Básica e a transição que ocorre entre as etapas do Ensino Fundamental, a qual iriam passar no final do ano. Depois da conversa, os alunos escreveram em uma folha sobre suas expectativas e ansiedades em relação ao início no 6º ano e deixaram um recado que eles achavam importante dar aos professores que iriam recebê-los no ano seguinte.

Esse encontro com os alunos foi riquíssimo e possibilitou diversas reflexões sobre o nosso espaço escolar, o que é possível fazer para promover uma transição de qualidade para os alunos e professores e, principalmente, compreender melhor o processo e tudo o que envolve esse momento importante na vida das crianças e adolescentes. Nessa transição, que por vezes nós, professores e gestores, olhamos apenas pelo viés da organização da escola, esquecemos de olhar as múltiplas transições que as crianças fazem nesse período da vida. A adolescência já é um período conturbado, de muitas dúvidas e inseguranças, agregado ao fato de mais uma mudança no processo escolar, se torna ainda mais desafiadora. Por esse

motivo, a transição se torna um tema importante e sério dentro da escola.

Um novo encontro foi marcado, agora com a participação de todos os professores e gestores participantes da pesquisa, com o objetivo de discutir sobre os dados gerados até o momento: as falas trazidas nos primeiros encontros, excertos de textos sobre a transição escolar para que pudessem nos dar subsídios teóricos para discutir sobre o tema e algumas frases escritas pelos alunos do 5º ano sobre a experiência da transição que estaria por vir. As frases escritas pelos alunos nos possibilitam pensar a transição por outro ângulo, a partir da expectativa e do medo das crianças ao iniciar uma etapa nova e com diversos desafios. As questões que surgiram nesse encontro serão apresentadas e discutidas nos próximos capítulos.

O quinto e último encontro do grupo foi destinado para registrar e apresentar ao grande grupo as ideias e sugestões que foram surgindo ao longo da pesquisa e ações efetivas a serem realizadas para colocarmos em prática esse movimento de transição escolar que tanto discutimos e idealizamos em nossa escola.

O relato dos professores e coordenadores da escola em relação à transição escolar revelou a falta de planejamento e o olhar atento para esse momento. O coordenador relatou que “*não ocorre processo de transição da nossa escola*” e que “*não é realizado acolhimento com os alunos, tanto os que vêm do 5º ano da nossa escola, quanto os alunos que vêm de outras escolas*”. Esses dados e outros que surgiram ao longo dos encontros serão apresentados e discutidos nos próximos capítulos, os quais foram organizados em categorias. As categorias foram organizadas de acordo com os grupos da pesquisa: professores, alunos e coordenadores.

### 3.1 Travessia: o que os professores pensam e falam sobre o processo de transição escolar?

A palavra travessia, citada no título deste subcapítulo, surgiu algumas vezes no decorrer das discussões no grupo de estudo. Essa palavra foi citada pelos professores para relacionar com a transição que os alunos realizavam ao iniciarem o 6º ano, pertencente aos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Essa travessia não é estanque, é um processo que vem acontecendo ao longo dos anos, juntamente com outras mudanças na vida e desenvolvimento de cada criança. Não é apenas atravessar, passar para outra série. É uma mudança de professores, de organização de tempo e até mesmo, às vezes, de escola. Os professores da pesquisa se referiram à transição escolar entre 5º e 6º ano como “quebra de ciclo”. Porém, a BNCC orienta que a educação seja integral, contínua e sem rupturas. Os próprios professores da escola sentem necessidade de maior envolvimento entre os professores dos diferentes níveis para alinhar essa transição, ouvir quais as necessidades e anseios dos próprios professores e alunos, tornando esse processo leve, tranquilo e sem medos. Algumas palavras mais fortes também caracterizaram esse processo de transição, a partir da percepção dos professores, como: **mudança brusca e impacto**.

Penso que a mudança brusca e o impacto se dê principalmente no que diz respeito à organização de cadernos, horários, disciplinas diferentes e diversos professores. A criança que conclui o 5º ano do ensino fundamental e vai para as férias não acorda simplesmente em uma manhã pronta para encarar as mudanças que irão ocorrer a partir do 6º ano, tendo conhecimento e controle de todas elas. É um processo! E para viver o processo é necessário coragem, confiança, parceria e

acolhimento. Coragem e confiança os alunos vêm desenvolvendo ao longo da sua vida, porém acolhimento e parceria eles terão dos professores e equipe diretiva que compreendem esse processo para além de organização educacional e sim como um processo humano.

Ao mesmo tempo em que as professoras descreveram esse processo com palavras mais fortes, também mencionaram a palavra superação. Superar é o que alunos fazem diariamente enquanto se adaptam ao novo sistema do ensino fundamental. E acredito que os professores também se superam ao acolher esses alunos, suas fragilidades, seus medos e dificuldades. O professor consciente sobre sua função como docente, conhecedor das diretrizes legais e do processo de desenvolvimento humano e de aprendizagem também pode (e precisa) agir por sua iniciativa, acolher em suas aulas, pensar em estratégias de aproximação.

Ao pensarmos em como seria uma transição ideal na escola e o que professores poderiam fazer em sua atuação para contribuir no processo, surgiram algumas palavras importantes, as quais foram recorrentes nas falas e escolhidas para realizar uma maior discussão: **acolhida, referência, documento, processo, escuta, clareza e formações**.

O acolhimento me parece algo natural, afinal todos gostam de ser bem recebidos em algum lugar. É comum em parte das escolas que, ao iniciar o ano letivo, a equipe diretiva acolha os professores e funcionários com um momento de recepção, de conversa e orientação. Não é diferente no primeiro dia de aula nas turmas, no qual cada professora/or organiza uma acolhida para os alunos, nesse momento de conhecer professores e colegas. A escola também acolhe as famílias, as demandas trazidas por elas, bem como seus anseios e ajuda a resolvê-los.

Os alunos já estão habituados ao processo de adaptação em cada ano que

se inicia, conhecendo a professora nova de cada ano e os colegas. A grande diferença que os alunos encontram nessa transição é a quantidade de professores, os quais ministram cada um a sua disciplina. Diferente dos Anos Iniciais, que têm em média duas professoras, nos Anos Finais os professores ministram apenas os componentes curriculares da sua área específica de formação.

Os alunos encontram no 6º ano experiências diferentes das que estavam acostumados, como por exemplo a quantidade de livros e cadernos por componente curricular, a experiência de se organizar no estudo para provas e trabalhos de vários professores, avaliações específicas de cada componente e a própria metodologia de trabalho e avaliação que cada professor escolhe para trabalhar seu componente curricular.

Seguindo a discussão sobre as palavras mencionadas pelos professores, escolhi as seguintes para realizar uma reflexão: **processo** e **documento**. As duas palavras estão juntas, pois foram mencionadas no mesmo diálogo e também porque acredito que sejam complementares quando pensamos em educação. Pensar no processo de aprendizagem de um aluno na escola consiste em olhar para todo o percurso que ele percorreu, bem como os desafios, os registros, avaliações e aprendizados.

Quando o aluno inicia o 6º ano na escola, carrega consigo uma bagagem: demandas, aprendizados, experiências, desafios, necessidades. Portanto, é fundamental conhecer esse aluno por completo. E é claro que isso é um desafio gigantesco quando falamos a partir da experiência de um professor que ministra seu componente curricular em diversas escolas, em diversas turmas e, conseqüentemente, para muitos outros alunos.

Para conhecer o aluno e o processo de aprendizagem pelo qual passou, é importantíssimo que tenhamos isso

documentado. Os professores mencionaram o quanto é importante saber, antes mesmo de conhecer a turma, algumas especificidades de cada aluno para pensar as atividades, de que maneira acolhê-los e como auxiliá-los melhor na aprendizagem. Os professores sugeriram ter um documento de cada aluno, no qual seria registrado seu percurso em cada ano que cursou na escola e entregue para a professora do ano seguinte. Isso pode ser um movimento que auxilie no processo de transição, principalmente para professores e coordenadores, pois possibilita conhecer a história do aluno, quais foram as dificuldades encontradas ao longo dos Anos Iniciais, quais as intervenções realizadas juntamente com a família e também as suas conquistas em relação às aprendizagens.

**Escuta** é uma das palavras mencionadas no grupo de professores quando se referiam à necessidade de conversar com os professores da outra etapa, entre os professores dos 6ºs anos e com os coordenadores. Os professores demonstraram insatisfação em relação a esse ponto, que diz respeito ao papel do coordenador. Sentem necessidade de conversar mais sobre as especificidades dos alunos de cada turma, sobre o planejamento, alinhar as metodologias de ensino, trocar ideias, tendo auxílio em questões específicas e no processo de aprendizagem dos alunos.

Os professores mencionaram a falta de acompanhamento das famílias dos alunos na escola, principalmente no 6º ano. Relatam que a falta de contato com a família dificulta o processo de aprendizagem. Em relação à transição escolar, as professoras percebem que as famílias têm pouca compreensão e não acreditam ser algo importante. É importante que a escola, assim que efetivar e naturalizar esse processo, tenha as famílias como parceiras, esclarecendo a importância desse olhar diferenciado.



Acredito que esse tema sobre a transição escolar entre as etapas da educação básica seja mobilizador nas escolas e com os professores. Muitas das angústias e anseios dos professores sobre essa organização vieram à tona nas conversas e foi possível clarear um pouco os pensamentos em relação a isso, fazendo surgir novas possibilidades.

### 3.2 “Poderiam fazer uma festa”: a transição escolar pelos olhos das crianças

O encontro com os alunos dos 5º anos foi realizado na sala de cada turma, com a duração de uma hora, com o objetivo de conversar com os alunos sobre o assunto transição escolar, bem como instigá-los a pensar e relatar sobre suas expectativas e medos em relação ao assunto.

Inicialmente, foi explicado para eles sobre a pesquisa que estava sendo realizada e que uma das etapas era conversar com as turmas que estariam passando por este momento. Perguntei se eles sabiam o que era uma transição e alguns deles disseram que era algo relacionado com mudança, troca. Fiz uma breve explicação sobre a organização da educação básica na qual estavam inseridos e finalizando uma delas, prestes a iniciar a próxima dos Anos Finais. A conversa seguiu em relação ao sentimento que eles tinham sobre essa transição, como estavam se sentindo ao saber que iriam para o 6º ano e quais as expectativas.

Os alunos receberam uma ficha na qual marcaram sua opinião sobre algumas perguntas relacionadas ao tema. Posteriormente, escreveram um breve recado para os professores que iriam recebê-los no 6º ano.

Em relação às expectativas sobre o 6º ano, um aluno escreveu: “*Espero que os professores sejam calmos, legais, devagar para copiar e que tenham paciência*”. Outro aluno tem boas expectativas

em relação ao 6º ano, pois pensa que “*vai ser muito legal, vai ter mais colegas, vai ter mais profes*”.

As expectativas dos alunos do 5º ano são diversas, elas envolvem medo do novo, ansiedade e alegria. Todos esses sentimentos devem ser levados em consideração quando pensamos no processo de transição: O que pensam sobre o próximo ano? O que eles estão sentindo? De que maneira acolher esses sentimentos? Essas são algumas das informações que devem ser coletadas pelo grupo de professores e pensadas para planejar este momento de transição e acolhida.

A BNCC sugere que os professores devem compreender dúvidas simples e comportamentos dos alunos que iniciam o 6º ano.

Dúvidas sobre se o aluno deve usar lápis ou caneta em atividade ou mesmo sobre como se comportar com o sinal da escola (que marcam o início e término das atividades) devem ser compreendidas como naturais para quem sempre foi dependente de um professor polivalente (Martins, 2020, p. 5).

As dúvidas e dificuldades dos jovens ao ingressar no 6º ano vão para além das aprendizagens dos componentes curriculares, elas permeiam a organização espacial, o conhecimento do novo: de novos professores, novos componentes curriculares, novos horários, novas metodologias de trabalho, novas responsabilidades em estudo de provas e trabalhos. É preciso paciência e acolhida nesse período, que pode se estender ao longo do ano. Cada aluno terá seu tempo de amadurecimento.

Nesse sentido, “é importante **fortalecer a autonomia** desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação” (Brasil, 2018, p. 60). O desafio dos professores, além das atividades e aprendizagens correspondentes aos

conteúdos do ano, também está ligado a auxiliar na autonomia dos jovens, bem como em relação ao pertencimento desta nova etapa de ensino.

Os alunos do 5º ano, ao serem questionados sobre como pensavam que seria interessante a acolhida e recepção deles no 6º ano, demonstraram interesse em serem conhecidos previamente pelos professores e ouvidos em relação às suas ansiedades. Sugeriram que “*os professores se apresentem e façam perguntas*”. Essa sugestão surgiu em vários registros dos alunos, o que nos leva a refletir sobre a necessidade que eles sentem de serem reconhecidos, valorizados e ouvidos em relação às suas dúvidas e angústias. Os próprios alunos demonstraram interesse em realizar uma conversa na qual os professores do 6º ano venham até a turma deles para conhecê-los, contar sobre a próxima etapa que estão prestes a conhecer e entender quais as dúvidas deles. Estabelecendo uma relação de respeito entre os futuros professores e alunos.

Além de sugerir que aconteça uma conversa entre os alunos e os professores do 6º ano, surgiu a ideia de “*que poderiam fazer uma festa*” para recebê-los no 6º ano. O fato de pensarem em “festa” é uma coisa boa, pois é um momento de diversão. Isso pode sugerir uma expectativa positiva dos alunos para algo novo e bom, desejam comemorar essa “conquista”.

Esse processo - que ocorre ao longo do 5º e 6º ano e não apenas na troca de turma e passagem de ano - deve ser pensado em parceria com os alunos, professores, famílias e coordenadores, possibilitando dialogar sobre esse momento, qual a melhor forma de auxiliar os alunos a partir das suas necessidades e criar uma ponte entre os professores dos Anos Iniciais e Anos Finais, tornando o trabalho mais colaborativo, passando segurança para as crianças e adolescentes.

### 3.3 Corrimão: a atuação do coordenador escolar na transição escolar

O coordenador escolar atua na escola como referência e suporte para o grupo de professores. Pensar esse papel como corrimão seria pensar em um movimento de auxílio, suporte para que o professor realize suas demandas e tarefas com segurança e confiando no coordenador. Muitas vezes, o coordenador atua como uma bengala, que pode até ser mais fácil inicialmente, porém aos poucos isso se torna exaustivo demais para o próprio coordenador, pois ele assume tarefas que não são de sua responsabilidade e não possibilita que o professor atue de forma autônoma e responsável.

Nesse viés, penso em apresentar os resultados do grupo de estudo no que diz respeito à atuação do coordenador no processo de transição entre o 5º e 6º anos, a partir da visão deles mesmos e a partir da visão dos professores envolvidos no grupo, bem como definir com auxílio de autores as atribuições dos coordenadores no cotidiano da escola.

Iniciamos a conversa com os coordenadores questionando sobre o que significa para eles a transição escolar, especificamente entre os Anos Iniciais e Anos Finais, e como pensavam ser ideal esse momento. Os coordenadores mencionaram que a transição escolar, na opinião deles, pode ser relacionada como uma travessia ou passagem e ela ocorre dentro da mesma etapa de ensino, porém com maneiras de organização diferentes, pois muda a referência de professor. Mencionaram também o fator idade, no qual as crianças estão passando também por essa mudança entre a infância e a adolescência.

A transição ideal entrou na discussão e levantou diversas questões, como por exemplo a dificuldade de realizar esses movimentos entre as etapas da educação na escola diante da grande

rotatividade de professores, dificultando o trabalho e efetivação de um projeto.

Ao serem questionados sobre o que fazem na atuação como coordenadores em relação à transição escolar na escola, o coordenador dos Anos Finais e Ensino Médio relatou ser difícil realizar um processo de transição ideal, tendo em vista a dificuldade de interligar as três etapas da escola (Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino Médio). Portanto, é possível perceber a necessidade de um grupo de coordenadores e professores que estejam engajados em proporcionar um momento especial de transição para os alunos, não apenas no primeiro dia de aula, mas pensando essa transição em um processo contínuo e que demanda atenção ao longo dos anos.

Durante a conversa, surgiram falas referentes ao que os alunos do 5º ano deveriam alcançar para avançarem, como por exemplo o uso de régua e organização nos diversos cadernos, porém o fato de ter “algo para alcançar” não pode ser considerado como princípio na transição. A transição é um processo contínuo, no qual professores e coordenadores vão acolher essas necessidades e orientar os alunos ao longo das etapas, pois esse processo vai para além da organização do caderno.

Ao longo da conversa, surgiram mais desafios no que diz respeito à realização de uma proposta de transição escolar: a **dificuldade de reunir professores, reuniões pedagógicas e disponibilidade**. A dificuldade de reunir os professores em reuniões pedagógicas se dá pela organização de cada uma das variadas escolas em que trabalham. Infelizmente, não há o costume e organização de realizar reuniões pedagógicas periodicamente na escola com todo o grupo de professores e uma das situações que dificultam esses encontros é a quantidade de escolas em que os professores atuam e a organização de horários. Porém, é identificado pelos coordenadores a necessidade de

realizar as reuniões, buscando alinhar os projetos, as conversas e o próprio grupo de professores se encontrar para discutir sobre o planejamento e projetos educacionais.

Para que as reuniões pedagógicas efetivamente aconteçam com todo grupo, penso que os coordenadores devem conscientizar os professores em relação à importância desses encontros:

Levar educadores à conscientização da necessidade de uma nova postura é, ao meu ver, acreditar na possibilidade de transformar a realidade e também acreditar na escola como um espaço adequado para isso, dado que, assim, por meio de um movimento dialético de ruptura e continuidade, poderá cumprir sua função inovadora (Orsolon, 2001, p. 18).

Sendo assim, muitas das necessidades encontradas pelos professores, inclusive no que diz respeito ao processo de transição escolar, poderão ser colocadas em discussão, possibilitando planejar e pensar a melhor forma de realizar, tendo a contribuição e envolvimento de todos os professores e gestores da escola, pois esse movimento deve estar claro para todos e não apenas para aqueles que estão diretamente envolvidos.

#### 4 ATRIBUIÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO COTIDIANO DA ESCOLA

O coordenador pedagógico, que por vezes é chamado de supervisor escolar, tem historicamente o papel de supervisionar, de orientar e coordenar o trabalho pedagógico na escola. Ele compõe a equipe pedagógica, formada também por diretor(a), vice-diretores(as) e orientação educacional, quando há disponibilidade de tal cargo.

É possível afirmar que “as funções da coordenação pedagógica são amplas” (Conceição, 2010, p. 22). Tendo em vista

que o coordenador pedagógico é responsável por um segmento, ou seja, uma etapa da educação, ele deve ter em mente que muitas expectativas recaem sobre o seu trabalho (Conceição, 2010). Portanto, o trabalho do coordenador pedagógico na escola é importante e demanda organização e planejamento.

O papel do coordenador pedagógico vem passando por mudanças significativas ao longo dos anos, principalmente no que diz respeito às suas atribuições no contexto escolar. Ter claro quais são as atribuições e responsabilidades desse profissional é o ponto de partida para que o trabalho na escola, o acompanhamento pedagógico e as aprendizagens efetivamente aconteçam. Historicamente, o papel do coordenador pedagógico era associado ao trabalho de “controle” e “supervisão” dos demais professores na escola. Portanto, o coordenador pedagógico hoje precisa assumir uma postura diferente desta posta historicamente, conquistando a confiança dos educadores para a realização do seu trabalho em parceria (Vasconcellos, 2009).

Os coordenadores muitas vezes têm a sensação “de que são ‘bombeiros’ a apagar diferentes focos de ‘incêndio’ na escola e, no final do dia, vem o amargo sabor de que não se fez nada de muito relevante [...]” (Vasconcellos, 2009, p. 85). Isso acontece normalmente porque não é definido, explicitado e claro para todos da escola e para os próprios coordenadores quais as suas reais atribuições, tornando o dia de trabalho um eterno apagar fogos e não conseguir solucionar efetivamente nada.

As atribuições do coordenador são diversas, sendo algumas delas a de acompanhar o trabalho pedagógico, realizar formações continuadas para o grupo de professores, buscar caminhos alternativos para resolução de problemas, fornecer materiais para o desenvolvimento de práticas, provocar o avanço e

aperfeiçoamento do planejamento e prática do grupo de professores, fazer críticas em relação aos acontecimentos e auxiliar o professor na percepção e resolução do problema. O próprio coordenador e o grupo de professores devem ter claro as atribuições, podendo assim realizar efetivamente o que lhe cabe e podendo o professor buscar auxílio em quem realmente pode auxiliá-lo em determinadas situações.

O autor Geglio (2009) nos ajuda a pensar na atuação do coordenador pedagógico hoje, tendo em vista que algumas das atividades realizadas por ele são resquícios de um outro entendimento que se tinha desse profissional:

A herança das antigas atribuições do supervisor escolar ainda assombra o coordenador pedagógico que não tem acesso ou não procura ter informações sobre as suas principais atribuições na escola, e acaba aceitando tudo aquilo que lhe é posto. Corrigir provas, ter que cuidar da entrada e saída de alunos, atender telefones são situações que acabam caracterizando o desvio da real função do coordenador pedagógico que, reiteramos, é oferecer a formação continuada dos docentes e, conseqüentemente, melhorar a avaliação da aprendizagem dos discentes. Cabe entender que o coordenador pedagógico se vê efetuando múltiplas tarefas que, objetivamente, não lhe dizem respeito. É o preço que se paga por ser ainda no Brasil uma função recente e em construção (Geglio, 2009, p. 115).

A atuação do coordenador pedagógico ainda é recente, tendo em vista as tarefas mencionadas anteriormente. Portanto, há a necessidade de se construir o papel do coordenador pedagógico diariamente no espaço escolar.

#### 4.1 O coordenador pedagógico como agente (trans)formador

A atribuição principal do coordenador pedagógico é a de formador. O coordenador tem a responsabilidade de proporcionar ao grupo de professores da sua escola a formação necessária para alinhar os planejamentos e compreender o propósito da escola. O coordenador pedagógico tem em suas mãos tarefas difíceis de se realizar, tendo em vista que ele gerencia um grupo de pessoas que pensam e realizam a prática pedagógica de maneira diferente umas das outras.

Souza (2018) nos alerta em relação à falta de conhecimento e valorização da atribuição de formador que o coordenador tem, que é tão importante no cotidiano da escola:

O problema que se enfrenta hoje nas escolas está ligado ao fato de os CPs não serem reconhecidos como formadores, mas sim como profissionais que ‘fazem de tudo um pouco’. Sem que muitos percebam, isso abre espaço para um equivocado envolvimento em atividades divergentes da formação, que atrapalham sua rotina, seu planejamento e o foco de sua principal função (Souza, 2018, p. 28).

Algumas vezes, o trabalho do coordenador pedagógico é atravessado por emergências do cotidiano que, mesmo sendo necessário a resolução imediata, o tiram do foco da sua organização e das tarefas específicas. O acompanhamento das propostas pedagógicas, a revisão e orientação do planejamento dos professores, bem como o planejamento das suas atividades e das reuniões pedagógicas, acabam ficando em segundo plano quando não há uma definição do que exatamente é de responsabilidade do coordenador.

A formação continuada do professor é uma dessas tantas atribuições que o coordenador pedagógico deve enfrentar

em sua rotina, pois “é dele a função de formar esses professores dentro da instituição em que atua e sabemos que a formação contínua é condição para o exercício de uma educação consciente das necessidades atuais dos alunos que frequentam a escola” (Souza, 2018, p. 27).

A tarefa de “capacitar a equipe em serviço é função do coordenador, que deve instigar o desafio da aprendizagem constante, sem que isso signifique perda do aspecto conceitual disciplinar” (Conceição, 2010, p. 29). Portanto, o coordenador pedagógico tem a função de planejar e organizar reuniões pedagógicas de maneira periódica com o grupo de professores, visando compartilhar conhecimentos para aprimorar o trabalho na escola, propor discussões que possam auxiliar em dificuldades apresentadas pelos professores e observadas pelo próprio coordenador, bem como refletir sobre a ação pedagógica.

Esse espaço de reunião pedagógica, que não se faz apenas a partir do espaço físico e sim a partir de sujeitos, pode ser revolucionário na escola. “Devemos nos empenhar para consegui-lo, pois desta forma há condições para se criar na escola uma nova prática pedagógica e um novo relacionamento” (Vasconcellos, 2009, p. 120).

As reuniões pedagógicas se tornam um espaço de estudos coletivos, no qual os sujeitos da escola se encontram para debater e estudar assuntos pertinentes ao cotidiano escolar, visando buscar soluções para os problemas. Para isso acontecer, é necessário que a escola perca “o medo burocrático de perder tempo. Parece que estudar é perder tempo. Qualquer instituição que necessita se inovar, para e pensa as possíveis mudanças. Por que a escola não pode parar para pensar as inovações necessárias?” (Menegolla *apud* Vasconcellos, 2009, p. 119-120).

As reuniões pedagógicas devem proporcionar espaço para o diálogo, outro

fator importante na escola e na atuação do coordenador pedagógico que será discutido mais profundamente no próximo capítulo.

#### **4.2 Diálogo: ação norteadora da prática pedagógica**

O coordenador pedagógico deve estar disponível para o diálogo, entendendo que será a partir dele que poderá compreender as situações nas quais terá que intervir. Ao mesmo tempo que o coordenador quer ser ouvido em relação às suas solicitações, propostas e sugestões de projetos e organização da proposta pedagógica, os professores também sentem necessidade de fazê-lo e precisam sentir abertura para tal ação.

Segundo Conceição (2010), para realizar o acompanhamento e avaliação das práticas dos professores, o coordenador pedagógico

não deve ficar restrito a seu gabinete, fato comum e empobrecedor das relações e dos resultados. Assistir às aulas, registrá-las para discussão com os professores e avaliar constantemente, com sinceridade e desejo de fazer o docente aprimorar sua prática são ações que devem ser realizadas e pactuadas (Conceição, 2010, p. 28-29).

O coordenador pedagógico necessita acolher o professor, reconhecer e compreender as necessidades e dificuldades encontradas por ele no dia a dia. Para tanto, precisa estar diretamente ligado com o professor, acompanhá-lo no trabalho pedagógico, observar, discutir, sugerir, criticar e pensar em estratégias para auxiliar o professor. O fato de criticar o professor é também um ato de “ver e resgatar os aspectos positivos; não ficar só no cobrar. Valorizar o saber do outro: dado o caráter contraditório da realidade, por mais equivocada que nos pareça uma prática, sempre tem algo válido e não deve ser

totalmente descartada” (Vasconcellos, 2009, p. 93).

A partir do acompanhamento do coordenador pedagógico, vão surgir críticas em relação ao trabalho do professor, porém elas devem ser consideradas construtivas, pois significa que o coordenador está observando e resgatando alguns pontos para reflexão e mudança. E isso se faz por meio do diálogo, na construção diária de uma relação de confiança, respeito e parceria.

No diálogo, que pressupõe a troca de ideias e visa buscar um acordo sobre determinado assunto, é que se ancora o trabalho do coordenador pedagógico, que busca ouvir as necessidades e sugestões vindas dos professores, alunos e familiares, e articula-as com os conhecimentos prévios para direcionar as ações necessárias.

#### **4.3 Atuação do coordenador pedagógico na transição escolar**

O processo de transição é algo inerente à escola e mais um desafio no qual o coordenador pedagógico deve se colocar para orientar e auxiliar. Inicialmente, é de responsabilidade do coordenador compreender a transição escolar, tendo em vista as etapas que a escola na qual atua atende, bem como a complexidade desse processo e o movimento que se faz necessário para realizá-la com professores e alunos na escola.

O coordenador pedagógico deve compartilhar com o grupo de professores o conceito de transição e qual a importância dela no processo escolar, lembrando que a BNCC orienta para uma educação contínua e integrada. Esse movimento inicial de explicitar o que significa a transição e como ela pode ocorrer na escola pode acontecer em um momento de formação continuada na reunião pedagógica, pois ela deve envolver todo o grupo de professores.

Para que isso ocorra, o coordenador deve tomar a frente das formações e transformar-se em um agente de mudanças, propondo situações de discussão e articulação sobre determinado assunto da escola. Como coordenador, ele conhece o trabalho desenvolvido em cada nível e pode avaliar se existe uma continuidade, uma coerência entre as diferentes etapas. Conforme Orsolon (2001, p. 20),

O coordenador pode ser um dos agentes de mudança das práticas dos professores mediante as articulações externas que realiza entre estes, num movimento de interações permeadas por valores, convicções, atitudes; e por meio de suas atribuições internas, que sua ação desencadeia nos professores, ao mobilizar suas dimensões políticas, humano-internacionais e técnicas, reveladas em sua prática.

Sendo assim, a articulação entre as necessidades da escola e a mudança na prática dos professores é um movimento que o coordenador deve realizar e acompanhar. Tendo em vista que a transição escolar ocorre sempre entre as etapas da educação básica, o trabalho de refletir, discutir, planejar e avaliar as ações realizadas deve ser um trabalho constante, tornando-se assim parte da constituição da proposta pedagógica da escola.

Segundo Conceição (2010, p. 30), o coordenador pedagógico pode contribuir na preparação da sua equipe em relação à construção de novas práticas pedagógicas e na manutenção de um espaço permanente de reflexão e planejamento, sendo assim ele provoca “movimento virtuoso, de crescimento, aprimoramento, clareza e melhorias das condições de ensino, objetivo prioritário das ações pedagógicas.”

## 5 UMA CONVERSA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA NO QUE DIZ RESPEITO À TRANSIÇÃO ESCOLAR

Nas categorias apresentadas anteriormente foram descritos alguns dos desafios e dificuldades que professores, alunos e coordenadores identificaram em relação à transição entre o 5º e 6º ano do Ensino Fundamental na escola pesquisada. Alguns dos desafios relatados dizem respeito à compreensão sobre a transição e a importância dela, a ausência de reuniões pedagógicas, dificuldade de diálogo entre os professores das duas etapas e participação dos coordenadores no processo.

Sabemos que há uma certa distância entre o que sugerem as teorias e o que efetivamente é possível realizar na escola, porém penso que seja viável nos aproximarmos das sugestões e orientações. Se a BNCC orienta que a educação deva ser integral e contínua, então entende-se que deve haver um planejamento para maior alinhamento entre as etapas de cada ensino na escola. Para tanto, inicialmente se torna necessário que as reuniões pedagógicas aconteçam na escola, mesmo sabendo das dificuldades de organizá-las em horários compatíveis para todos os professores, tendo em vista que a maioria deles trabalha em mais do que uma escola. É importante começar, instituir essa rotina na escola e criar cultura.

Penso que é a partir das reuniões pedagógicas, nas quais é possível reunir os professores de todas as etapas, que surgem as soluções para os problemas cotidianos - como a transição escolar - e pode-se aproximar a realidade do que está sendo possível fazer com o ideal indicado pelos autores e normativas. Na pesquisa, professores, coordenadores e alunos falaram sobre conversar. Observou-se a necessidade de diálogo que surge em relação a esse processo, a

ansiedade em conhecer o novo para poder preparar-se.

Nesse sentido,

criar oportunidades e estratégias para que o estudante participe, com opiniões, sugestões e avaliações, do processo de planejamento do trabalho docente é uma forma de tornar o processo de ensino e de aprendizagem mais significativo para ambos (Orsolon, 2001, p. 24).

Envolver os alunos no planejamento, propor momentos de escuta sobre suas dificuldades e angústias, e propor espaços para que eles se coloquem na ação, promove maior envolvimento de todos. Conhecendo seus alunos, suas expectativas e ansiedades, o professor pode pensar no acolhimento e recepção dos alunos do 5º ano na etapa dos Anos Finais. É o olhar sensível do professor que está em jogo.

Por esse motivo, o diálogo se torna mais uma vez fundamental na observação, reflexão e planejamento de estratégias que possibilitem o envolvimento dos alunos e professores na transição escolar, no qual futuros alunos e futuros professores podem conversar e se conhecerem antes dos desafios começarem. Sendo assim,

A mudança na escola só se dará quando o trabalho for coletivo, articulado entre todos os atores da comunidade escolar, num exercício individual e grupal de trazer as concepções, compartilhá-las, ler as divergências e as convergências e, mediante esses confrontos, construir o trabalho. O coordenador, como um dos articuladores desse trabalho coletivo, precisa ser capaz de ler, observar e congrega as necessidades dos que atuam na escola; e, nesse contexto, introduzir inovações, para que todos se comprometam com o proposto. À medida que essas novas ideias, além de conter algo novo, forem construídas, discutidas e implementadas pelos professores e coordenadores envolvidos, torna-se-

ão possíveis a adesão e o compromisso do grupo e, dessa forma, se reduzirão as prováveis resistências (Orsolon, 2001, p. 21-22).

O trabalho na escola precisa ser coletivo, envolvendo todos os atores para pensar a educação contínua dos alunos ao longo de toda a educação básica.

## 6 FINALIZANDO A TRAVESSIA

Ao longo do texto foi possível compreender que o coordenador pedagógico tem papel fundamental na organização e planejamento de propostas educacionais no espaço escolar. O principal objetivo do coordenador pedagógico é de orientar seus professores e conduzi-los a refletir sobre a prática educacional, promovendo diferentes movimentos de envolvimento e aprendizagens dos alunos. Além disso, o coordenador assume a difícil e fundamental tarefa de se tornar formador do grupo de professores em serviço, com o objetivo de fomentar a pesquisa, a revisão bibliográfica, as orientações normativas e sugestões teóricas sobre a educação. Ou seja, o coordenador observa e escuta dos professores e alunos as situações cotidianas e os incentiva a pensar juntos novas propostas para aprimorar o processo educacional.

Entre os dados e as falas que já foram apresentadas e discutidas anteriormente, surgiram algumas sugestões que foram sendo apresentadas ao longo das conversas, pensando especificamente na realidade daquela escola em especial, mas que podem servir como sugestão para demais coordenadores e leitores deste texto.

Seguem algumas sugestões e reflexões sobre a transição escolar entre as etapas do Ensino Fundamental da Educação Básica:

*Conversa entre alunos e professores:* Essa ideia foi proposta pelo grupo de alunos que sentiu necessidade de



conhecer seus professores anteriormente, tendo em vista que são diferentes e em maior quantidade. Nessa conversa, é possível realizar uma breve explicação do funcionamento dos Anos Finais, da organização de cadernos e livros de cada componente e das avaliações. Dessa forma, conhecendo um pouco sobre o que ainda é desconhecido, traz-se segurança para o aluno enfrentar o desafio. Além de diálogo entre professores do 6º ano e alunos do 5º ano, a escola pode propor atividades de integração entre eles, como um horário literário, no qual os professores podem fazer um momento de recepção e acolhida.

*Conversa entre professores das duas etapas:* Este foi um dos pontos mais comentados entre os professores durante o grupo de estudos. Há uma grande necessidade de estreitar os encontros entre os profissionais das duas etapas do Ensino Fundamental e proporcionar diálogo, visando alinhar a proposta pedagógica e o projeto para a transição escolar. Portanto, a sugestão aqui é de organizar reuniões pedagógicas que contemplem esse desejo. É importante que a organização do projeto de transição escolar preveja reuniões periódicas ao longo do ano com todos os envolvidos no processo (coordenadores, professores e alunos). O fato de realizar reuniões periódicas com todos os professores já favorece o processo, pois permite que todos da escola tenham ciência sobre o trabalho desenvolvido em cada nível.

*Diálogo e abertura do coordenador pedagógico:* Como vimos anteriormente, o diálogo é peça-chave no que diz respeito à organização e planejamento de uma escola. Durante os encontros do grupo de estudos proporcionado por essa pesquisa, foi trazido por parte dos professores o sentimento de falta de acolhida por parte do coordenador. O coordenador tem papel fundamental na organização e planejamento da proposta pedagógica, como mencionado anteriormente, porém ela

deve estar embasada pelo diálogo e acolhida dos professores. Assim, é importante criar espaços de escuta e diálogo com o corpo docente.

*Acolhimento:* Neste ponto, estamos pensando no acolhimento dos alunos, aqueles que irão iniciar uma trajetória nova nos Anos Finais do Ensino Fundamental e carregam algumas expectativas e ansiedades. Acolher com atenção, com carinho, com diálogo e com orientação sobre as diferentes demandas e organizações que é característica dessa etapa da educação é fundamental. A escola, como um todo, tem a tarefa de acompanhar esses alunos, auxiliando-os nesse processo. Desde uma conversa, uma apresentação dos professores e os componentes curriculares com os quais irão trabalhar no ano, apresentar a escola e cada profissional que trabalha nela e sua função são atitudes que podem trazer mais segurança e sentimento de pertencimento àquela escola.

*Reuniões pedagógicas:* Este item já foi discutido anteriormente, porém foi bastante citado durante o grupo de estudo, tendo em vista a necessidade que os professores e coordenadores identificaram que haja na escola. A reunião pedagógica deve ocorrer periodicamente, conforme é determinado pelas secretarias de educação. Sabemos da dificuldade de reunir todos os professores em um mesmo horário, mas as reuniões pedagógicas devem ocorrer para melhor funcionamento na escola. Para além dos recados e orientações necessárias para o bom andamento das atividades na escola, esse espaço deve promover formação aos professores, deve proporcionar espaço de fala e escuta, momentos de planejamento em conjunto, bem como a construção dos documentos norteadores da escola, que se fazem necessários e é de grande importância que os professores estejam engajados na construção e tenham clareza deles. É nesses documentos que estará

claro o funcionamento da escola, a proposta pedagógica e os projetos com os quais a escola irá se envolver, nesse caso específico, com a transição escolar.

*Documentação sobre o aluno:* Essa sugestão surgiu ao falarmos do fato que as crianças chegam em determinado ano e os professores têm dificuldade em conhecê-los previamente, o que possibilitaria um planejamento especializado em casos específicos. A sugestão é de organizar um “dossiê”, uma pasta na qual conste todo o percurso desse aluno na escola, tendo em vista conhecer suas dificuldades, as superações, as intervenções realizadas com a família e até mesmo os atendimentos realizados fora da escola. Esse aluno carrega consigo uma história de vida e de aprendizagens que deve ser considerada a cada ano que ele inicia. Ao receber a turma, o professor já tem a possibilidade de conhecer os alunos, pensando nas intervenções que serão necessárias realizar.

Muitos são os desafios no cotidiano escolar e na rotina de trabalho do coordenador pedagógico, porém é necessário mobilizar o grupo de professores, equipe diretiva, alunos e famílias para aprimorar o conhecimento em relação à existência da transição escolar e a importância de planejar e organizar ações para que ela ocorra de maneira acolhedora para professores e, principalmente, para alunos adolescentes, que naturalmente já estão enfrentando mudanças biopsicosociais e que provocam emoções desconhecidas.

A discussão não se encerra por aqui, ainda há muito o que conhecer sobre a transição escolar e discutir sobre possibilidades de tornar esse processo parte das ações pedagógicas das escolas, em que os professores, coordenadores, alunos e famílias tenham clareza sobre o que ocorre para acolher os alunos nesse momento e minimizar os impactos na aprendizagem, pois uma transição mal efetivada pode gerar lacunas na aprendizagem dos

alunos e até levar a uma reprovação

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Graciana Vieira. **Construção de significados na transição escolar para o 6º ano do Ensino Fundamental**. 2017. 189f. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. [Visualizar item](#)

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. [Visualizar item](#)

CONCEIÇÃO, Lilian Feingold. **Coordenação pedagógica e orientação educacional: princípios e ações em formação de professores e formação do estudante**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

GEGLIO, Paulo César. O papel do coordenador pedagógico na formação do professor em serviço. *In:* ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S. (org.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p.113-119.

KRAFTA, Lina. **Gestão da informação como base da ação comercial de uma pequena empresa de TI**. 2007. 161f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. [Visualizar item](#)

MARTINS, Miguel. Transição: como amenizar a adaptação dos alunos entre etapas. **Nova Escola**, São Paulo, 05 fev. 2020. [Visualizar item](#)

ORSOLON, Luzia Angelina Marino. O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola. *In:* ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (org.). **O coordenador pedagógico e o espaço**

**da mudança.** São Paulo: Edições Loyola, 2001. p.17-26.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. O coordenador pedagógico e a constituição do grupo de professores. *In*: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança.** 9. ed. São Paulo: Loyola, 2018. p.27-34.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico:** do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad Editora, 2009.

**Recebido em: 01/12/2023**  
**Aceito em: 21/06/2024**